

A SOFÍSTICA E A EDUCAÇÃO ATENIENSE NO SÉC. V a.C¹

Adriana Freire Nogueira

A Sofística foi um movimento² intelectual que se desenvolveu na Grécia, no séc.V a.C., principalmente na cidade de Atenas. A escassez de documentos atestados como sendo dos próprios sofistas e a quantidade de testemunhos provenientes de contextos e origens diversos não permite uma evidente definição da actividade por eles praticada. Este artigo procurará abordar criticamente e esclarecer algumas pré-concepções sobre a Sofística.

A palavra *sofista* está relacionada com **sophia** (σοφία), que habitualmente traduzimos por sabedoria. **Sophia** e **sophos** (σοφός) pode surgir em contextos muito diversos: como uma habilidade ligada ao artesanato ou a uma arte, (*Ilíada* XV, vv. 410-413; Píndaro, *Odes Píticas*, V, 115), à música e ao canto (*Hino homérico a Hermes*, vv.474-483; Píndaro, *Odes Olímpicas*, I, 9; Xenofonte, *Anábase*, I, 2. 8), à medicina (Platão, *República*, 406b7) ou como uma qualidade associada à sabedoria prática, como a astúcia, a sensatez, a prudência ou a inteligência (Teógnis, 1074; Píndaro, *Odes Ístmicas*, 2, 12). Também se encontra a palavra aplicada ao conhecimento das ciências, à filosofia, à matemática, à sabedoria (Teógnis, 876; com frequência em

¹ Este artigo teve como base a lição apresentada à Universidade da Madeira, em Dezembro de 1995, como parte integrante das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica.

² A discussão da ideia da Sofística como movimento é apresentada no livro de G. Kerferd, *The Sophistic Movement*, Cambridge University Press, 1984 (reimp.).

Eurípides e Aristóteles). Por vezes o *sophos* não é um ser humano, mas uma entidade divina, como a Persuasão (σοφᾶς Πειθοῦς – Píndaro, *Odes Píticas*, IX, 39), ou abstracta, como a mente, o pensamento (σοφώτατα νοήματα – Píndaro, *Odes Olímpicas*, VII, 72). Entre os pré-socráticos, Heraclito associa o *sophon* ao uno³. Rocha Pereira diz sobre este assunto que “a *sophia* designava a princípio uma forma qualquer de saber e acabou por tomar um sentido alheio a qualquer especialização”⁴. Os *sophistes* (σοφιστής) eram, inicialmente, os detentores de *sophia*, tal como o *sophos* (ou o *phronimos* – φρόνιμος). Em Platão esta palavra é usada para designar aquele que dá lições nas mais variadas matérias, mediante pagamento⁵. Platão quis distanciar-se, a si e a Sócrates, de uma identificação com os sofistas e, apesar de, como vimos, a palavra ser equivalente, Platão prefere o uso de *philosophia* (φιλοσοφία), ou dialéctica, para designar a sua actividade (*República* VII, 532a-535a; *Sofista* 253b-e), afirmando que um sofista é “um imitador do sábio (*sophos*)” (*Sofista*, 268c).⁶

Educação tradicional; Actividade sofística; Reacções.

O maior número de testemunhos contra os sofistas que chega até nós é de Platão⁷, se bem que não tenha sido o primeiro a criticar este movimento. Antes dele, Aristófanes escreveu *As Nuvens* (repare-se que Platão nasceu em 428 – data aproximada – e esta peça foi escrita em 423 a.C.), comédia sobre o ensino sofístico, na qual ridiculariza os seus praticantes, tanto quanto ao tipo de actividade didáctica (que levava um indivíduo a “aprender a safar-se duma condenação, a fazer uma citação em tribunal, ou a convencer com falinhas mansas”, tudo isto por “um talento apenas”⁸, pois “eles têm lá, segundo se

³ DK 22 B, 32, 41, 50, 108 (DK é a forma como será citado DIELS, H. und KRANZ, W. (ed.), *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 3 vols., Berlin, Weidmann, 1972 (1.ª ed. de Diels em 1903).

⁴ M.ª Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I – *Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980 (5.ª).

⁵ *Apologia de Sócrates*, 20 a-c; *Ménon*, 99c e seguintes.

⁶ Mario Untersteiner cita uma definição de Sofista, dada por Paci “o filósofo torna-se mestre daquilo que se pode distinguir e determinar no mundo: Torna-se, em poucas palavras, mestre do homem. Como mestre do homem e de toda a virtude humana o filósofo chamar-se-á sofista” – Cf. *I Sofisti* (2 vol.), Ed. Lampugnani Nigri, Milano, 1967 (2.ª), pág 12, n.2 (as traduções apresentadas, quer de textos de autores clássicos, quer contemporâneos, quando não assinaladas as autorias, são da minha inteira responsabilidade).

⁷ Na verdade, Platão foi quem nos deixou o maior número de testemunhos sobre os sofistas, independentemente de serem contra ou a favor. E, naturalmente, é por isso o autor mais citado neste trabalho.

⁸ Note-se a ironia, pois que o talento era uma unidade monetária muito elevada. No v. 22, Estrepsíades diz dever doze minas pela compra de um cavalo e no v. 31 “tês minas a

diz, duas teses ou raciocínios: o mais forte, ou lá o que é, e o mais fraco. Ora, um destes dois raciocínios, precisamente o mais fraco, garantem que tem cá uma lábia, que é capaz de vencer as causas mais injustas”), como quanto à aparência (“uma cor amarelenta, ombros estreitos, peito enfezado, língua comprida, cu pequeno, pixa grande”⁹).

Para que melhor se compreenda a actividade dos sofistas como educadora, há que observar as características da educação ateniense neste período, a qual se fundamentava num ideal de beleza de corpo e espírito, a *kalokagathia* (καλοκάγαθία). Platão define-a nestes dois componentes: “a ginástica para o corpo e a música para a alma” (*República* 376e). Essa formação era fornecida pela cidade por ser considerada como a mais adequada para uma futura participação activa na vida da polis (πόλις)¹⁰. Aristófanes, na mesma peça, apresenta duas personagens – o Raciocínio Justo e o Raciocínio Injusto – que vão defender, respectivamente, esta educação, que chamam de “antiga”, e a nova educação. A pedagogia defendida pelo Raciocínio Justo era a pedagogia da contenção (963-964), do recato (970-983), do desenvolvimento harmonioso do espírito (967) e do corpo (1002-1014), e que tinha formado “os heróis de Maratona” (986); o Raciocínio Injusto considerava tudo isto ultrapassado (984-985), vangloriando-se de ter sido “o primeiro a imaginar a forma de contradizer as leis e a justiça” (1039-1040).

À excepção daqueles rudimentos que a criança aprendia de música, letras e ginástica, não havia uma tradição de educação. Era com os seus pais e círculo de amigos e familiares, bem como com a experiência de vida (participação em expedições militares, p.ex.) que ele aprendia. As objecções que os sofistas levantaram foram, pois, à filosofia. Heraclito e Parmédides mostraram-se críticos da possibilidade de conhecer a natureza, e outros físicos, como Empédocles ou Anaxágoras, consideravam os órgãos dos sentidos inadequados para o conhecimento do real. Protágoras e Górgias, ao explorarem

Aminias, pr’a compra dum dois-lugares mais um par de rodas”. Um talento equivalia a 60 minas.

As citações deste texto seguem sempre a tradução de Custódio Magueijo (Pref., trad. e notas), Aristófanes, *As Nuvens*, Lisboa, Ed. Inquérito, 1984;

⁹ Vv. 874-875; 112-118; 1016-1019.

¹⁰ A criança frequentava as aulas do pedótriba, o equivalente hoje ao professor de ginástica, com quem aprendia a ser um atleta preparado para as diversas provas dessa disciplina. Com o citarista, aprendia a cantar, a dançar e a tocar a lira. Os cânticos eram sobretudo uma forma de apreender os princípios transmitidos pela poesia considerada edificante, como as elegias de Sólon ou os poemas homéricos. Outro aspecto da sua educação é aquele que o gramatista, uma espécie de antigo mestre-escola, lhes facultava. Com ele aprendiam a ler, a escrever, a contar. Esta era, pois, a formação elementar de um jovem ateniense. Vide Henri-Irenée Marrou, *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*, I. *Le monde grec*, Paris, Éditions du Seuil, 1975 (7.^ª).

as sementes de cepticismo plantadas por Heraclito e Parménides, afirmaram que não há uma verdade objectiva¹¹, tornando a investigação filosófica impossível.

O que os sofistas propõem é um ensino que ultrapasse a formação de base, isto é, um ensino de nível superior, realçando a função docente, onde o que se pretende transmitir é a “excelência”, a “virtude” – a *arete* (ἀρετή) – e ensinar as capacidades, as aptidões necessárias para a vida cívica¹². Para isso, socorrem-se de novas metodologias, como o recurso a “livros de exercícios” (como seriam o *Elogio de Helena* e a *Defesa de Palamedes*, de Górgias), a análise estilística e interpretativa dos poetas, feitas com os alunos e, deste modo, valorizando e apreciando a produção literária de um ponto de vista não simplesmente moral, desenvolvendo o espírito crítico e de análise dos Atenienses.¹³ A utilidade destas disciplinas era óbvia, pois, tal como a educação tradicional, a sofística pretende formar cidadãos. Desde que fosse um homem livre, o Ateniense tinha a obrigação de participar na política (tomada aqui a palavra no seu sentido original, de vida na *polis*), quer através da ocupação de cargos políticos, quer defendendo a cidade em caso de guerra, quer votando para eleger um representante do seu *demos* (δῆμος) para a Assembleia.

Espaços

A categoria de estrangeiros levava os sofistas a não terem uma escola instituída, um espaço físico determinado para as lições, variando os locais onde decorria o seu ensino. Encontramos no *Protágoras* de Platão três grandes sofistas reunidos: o próprio Protágoras, Hípias e Pródico. Certamente que se trata de um momento especial, pois cada um deles ensinava particularmente e não deveria ter muito interesse na concorrência, a não ser que os debates os tornassem mais famosos e que o seu saber e aptidão saíssem realçados da disputa. No diálogo *Eutidemo* temos dois sofistas, mas aqui trata-se

¹¹ Górgias, DK 82B3, em tradução portuguesa de Manuel de Sousa Barbosa e Inês de Ornellas e Castro, *Testemunhos e Fragmentos*, Ed. Colibri, 1993, “[...] defende sucessivamente três pontos capitais: em primeiro lugar, que nada existe; em segundo, que ainda que exista é incompreensível ao homem e, em terceiro, que mesmo sendo compreensível é, todavia, impossível de se comunicar e explicar a outrem.”

Protágoras afirmava que o homem era a medida de todas as coisas – Platão, *Teeteto*, 152a.

¹² Platão, *Protágoras*, 318e

¹³ Aires A. Nascimento apresenta três inovações deste tipo de pedagogia: 1) “ensino pelo livro”, 2) “ensino que leva à estruturação do próprio pensamento e à confiança em si mesmo” e 3) “ensino de análise de situações e de enriquecimento de novos conhecimentos”. Aires A. Nascimento, *A APETH Sofística – O homem grego do séc. V a.C. em valoração*, Dissertação para Licenciatura em Filologia Clássica, Faculdade de Letras de Lisboa, 1970, Cap. VII, pág.262-265.

de irmãos que ensinavam juntos. Em geral, eram indivíduos oriundos de fora da Ática que ensinavam uma disciplina (Górgias, retórica, Pródico, correcção da linguagem) ou um conjunto de disciplinas (ou “saberes”. Protágoras, a arte de bem aconselhar, Hípias, a polimátia...); davam as suas lições em casas particulares (normalmente nas daqueles que os acolhiam) e faziam demonstrações públicas do seu saber (na ágora ou no ginásio¹⁴, por exemplo) com o objectivo de mostrar o que ensinavam de modo a angariar mais alunos.

Por volta de 432 a.C. surgiu uma lei que poderá ter sido feita para reprimir o ensino da sofística: foi editado um decreto que condenava os que não acreditavam nos deuses¹⁵. Como esta era uma das acusações feitas aos sofistas, passaram a ser perseguidos e impedidos de praticar.

Esta data ajuda a situar o aparecimento da Sofística. Se neste ano saiu uma lei, seria porque a actividade já era exercida há tempo suficiente para haver reacções, tão consequentemente, negativas. A datação exacta é difícil, mas podemos indicar a época em que surgiram os mais antigos praticantes desta arte. Poderemos situar no século V a.C. o início desta nova actividade que pode ser chamada de “educativa”, protagonizada por individualidades como Górgias (de Leontinos), Protágoras (de Abdera), Pródico (de Ceos), Trasímaco (de Calcedónia), ou Hípias (de Élide), mais exactamente após 450 a.C., uma data de fronteira. Górgias, Protágoras e Hípias nasceram por volta de 485 a.C., mas sabe-se que Górgias chegou a Atenas, pela primeira vez, em 420 a.C., não podendo por isso ter feito parte da “primeira fase” de afluência de sofistas. Já de Protágoras sabe-se que, em 444 a.C.¹⁶, estava naquela cidade. Também pela influência que tiveram, revelada na visão que os diferentes escritores nos dão, podemos perceber dois momentos: um primeiro momento que nos é revelado por Eurípides e um segundo, mediado por cerca de trinta e cinco anos, revelado por Aristófanis.

Nesta época Atenas encontrava-se no seu apogeu e era liderada por Péricles, personagem determinante para a divulgação do ensino sofístico. Com a sua política de protecção, levou aqueles homens, maioritariamente estrangeiros, a procurarem esta cidade como pólo de exercício do seu ensino. O poder que conseguiu ao encarnar a construção do poderio de Atenas depois da destruição que a cidade sofreu aquando da batalha de

¹⁴ Cf. Isócrates, *Panathenaiscus*, 236 “homens que gostam de se mostrar por todo o lado”; Platão, *Eutidemo*.

¹⁵ Decreto de Diopeites. Cf. Plutarco, *Péricles*, 32.

¹⁶ Data da fundação da colónia de Túrios, na qual participou, através da redacção da Constituição da cidade.

Salamina¹⁷, não o livrou de críticas, e a atitude de protecção aos sofistas não foi bem vista por todos. Ainda em vida sua (no caso do processo a Anaxágoras), bem como após a sua morte, alguns destes intelectuais foram perseguidos. Mesmo anos depois do desaparecimento do estratega, outras personalidades da cidade também os acolheram, tais como Cálías¹⁸ ou Eurípides. Na tragédia *Hipólito* (vv. 921-924), Eurípides apresenta alguns dos atributos dos sofistas, não necessariamente negativos. Diz a personagem Hipólito a seu pai:

“Teria de ser uma sumidade prodigiosa, esse sofista de quem falas, para ser capaz de obrigar os que não são sensatos a pensar como deve ser. Mas, ó pai, nesta circunstância, não interessa perderes tempo a rendilhar subtilezas de expressão”¹⁹.

O que está em causa aqui já é o ensino de um raciocínio justo (e não injusto, como referia Aristófanes) e o uso de linguagem sofisticada, não necessariamente com um sentido negativo, como o era “falinhas mansas” (Aristófanes, *As Nuvens*, v.875). A aplicação do adjetivo “sofisticada” teve como propósito chamar a atenção para o uso que dele fazemos em Português, não querendo perder o sentido original “que é próprio dos sofistas”.

Independente de um bom acolhimento por parte de particulares, a própria cidade de Atenas tinha uma tradição de hospitalidade para com os estrangeiros, a quem permitia que nela vivessem, aproveitando o que de positivo eles lhe poderiam oferecer, sem no entanto autorizar a sua participação como cidadãos de pleno direito. E os estrangeiros, por sua vez, eram atraídos por esta cidade rica, centro do universo grego (é de referir que de meados do século V a meados do século IV o grosso da produção literária grega é ateniense). Além do factor geográfico que proporcionava a Atenas a situação de um estratégico porto de mar, ponto de encontro de ancestrais rotas comerciais, a soberania exercida na Liga de Delos²⁰ não só a identificou

¹⁷ Esta destruição permitiu a Atenas vencer os Persas. No entanto, a estratégia de Temístocles obrigou a que os Atenienses destruíssem a sua cidade pelo fogo. Vide Heródoto, *Histórias*, VIII. Sobre a nova cidade, vide José Trindade Santos, “A Cidade dos Homens. *Polis*: educação e democracia” in *Philosophica* 4, 1994, ed. Colibri/ Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa.

¹⁸ Nobre ateniense conhecido pela sua riqueza e uso que dela fazia. Cf. Platão, *Apologia de Sócrates*, 20a – b.

¹⁹ A tradução usada e citada é de Frederico Lourenço (introdução, tradução e notas), *Eurípides, Hipólito*, Lisboa, Ed.Colibri, 1993.

²⁰ Após a vitória em Salamina, os povos gregos uniram-se numa confederação e em Delos fizeram um acordo de entreajuda contra o invasor persa (478-477 a.C.). Os Atenienses ficaram como tesoureiros do contributo que todos davam para a manutenção da Liga que mais tarde não deixaram de usar em seu benefício.

com o poder e a enriqueceu, como a tornou local privilegiado de concentração de diversas populações oriundas das mais distantes regiões.

Este cosmopolitismo ateniense foi propício ao exercício da actividade sofística, dado que se apresentava como útil e necessária à vida da *polis*²¹. Ora os sofistas eram homens que se distinguiam pelo saber que tinham (e apregoavam ter), ensinando outros a tornarem-se sabedores de diversos assuntos²², tal como eles próprios o eram²³, mediante um pagamento pelas suas lições²⁴. E mais: tinham de garantir rapidez de resultados sob pena de perderem clientela.

Houve um grupo de sofistas (que foi chamado, no nosso tempo, de “grande geração”²⁵) que defendia ideias de progresso, cosmopolitismo, humanismo e individualismo (como oposto de colectivismo e não sinónimo de egoísmo) e que debatia questões como o fim da escravatura, a igualdade entre os homens, a não superioridade de um nascimento nobre. Sobre alguns destes assuntos, não sabemos como reagiu a sociedade de então, mas sobre o último tema referido (a não superioridade de um nascimento nobre), dadas as consequências, podemos inferir as reacções que provocaram; de início devem ter agradado a uma camada social, não oriunda da aristocracia, que terá visto no ensino dos sofistas a sua possibilidade de ascensão social. Foi dessa camada que, mais tarde, saíram os indivíduos que viriam a substituir Péricles ou instaurariam o processo contra Sócrates. Se, por um lado, as novas ideias e ensinamento dos sofistas lhes proporcionaram o acesso a cargos políticos, por outro esse ensino poderia levar a que outros, tal como eles próprios, tomassem o poder. E sabe-se que os chefes políticos que sucederam a Péricles

²¹ Aristóteles, *Atheniensium Respublica*, XXIV, refere como Aristides incitou o povo a querer comandar, a deixar o campo para ir tomar conta da condução da cidade. Passaria a haver, deste modo, um grande “mercado” de aprendizes para estes professores, dado que as funções administrativas, judiciais, legislativas implicavam saberes que os mais humildes não teriam mas desejavam ter.

²² Cf. *Protágoras*, 317b “admito que sou sofista e que ensino os homens”.

²³ O sofista Hípias afirmava possuir aptidões muito variadas: cf. *Hípias Maior*, 285c – o conhecimento da astronomia, da geometria, da aritmética; 285d – da eufonia (vide n. 18 de Teresa Schiappa de Azevedo à tradução deste diálogo, pág.112, in *Platão, Hípias Maior*, Coimbra, I.N.I.C., 1985; 285e – das narrativas históricas; 286a – o dom da mnemónica; 287b – ensinar um homem a não ser refutado por nenhum outro; e cf. *Hípias Menor* (idem, *Hípias Menor*, Coimbra, I.N.I.C., 1990) onde, para além destas capacidades na área da aritmética (366c) e da geometria (367d), são enumeradas outras habilidades de Hípias, chamado “o homem dos mil officios” (368b), tais como a confecção de vestuário, jóias, sapatos e objectos variados, ou o conhecimento dos diversos géneros poéticos (368c-e).

²⁴ Cf. *Hípias Maior*, 282b-e;

²⁵ Expressão de Popper, que chama a Górgias, Hípias, Antifonte e outros a “Great Generation”. Karl R. Popper, *The Open Society and its Enemies*, vol.1 – *Plato*, London, Routledge & Kegan Paul, 1973, pág.70.

foram sobretudo indivíduos ligados a profissões não consideradas “nobres”, como comerciantes de cordoaria, de gado, de peles, de enchidos²⁶.

Visões da Sofística

Se analisarmos as datas que têm vindo a ser referidas, verificamos que o início do movimento sofístico se situa entre dois acontecimentos importantes na História da Grécia: as Guerras Pérsicas (499-449 a.C.) e a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.).

O fim das guerras trouxe outras preocupações aos homens e a discussão de problemas éticos começa a sobrepor-se aos tecnico-profissionais (o plural “guerras” refere-se a ambas, apesar dos cinquenta anos que as medeiam). A continuidade de uma educação dos jovens (apresentada pelos sofistas) e a consciência de que a educação (não necessariamente sofística) podia ser um factor estabilizador da civilização foi certamente causa de acordos e desacordos, tanto após as guerras pérsicas, com o ensino dos primeiros sofistas, como Protágoras, Pródico ou Górgias, como após a guerra do Peloponeso, com a instituição das escolas de Platão ou Isócrates. A democracia, instituída por Clístenes no fim do século VI a. C., propiciou, neste espaço entre as duas guerras, o desenvolvimento de uma educação superior. Era como se os sofistas fossem “esperados”: o horizonte de expectativa do Homem grego, especialmente do Ateniense, aceitava ideias como “o homem é a medida de todas as coisas”²⁷ – não tinha ele vencido batalhas e guerras contra poderosos inimigos? , ou que a **arete** podia ser ensinada e não era hereditária²⁸ – não conviria esta ideia aos cidadãos que, sendo obrigados a participar activa-

²⁶ Cf. Lewis Mumford, *The City in History*, London, Penguin Books, 1991 (1.ª1961), pág.181; Aristóteles, *Atheniensium Respublica*, XXVIII.

²⁷ Frase de Protágoras, atestada em Platão, *Teeteto*, 152a =DK 80 B 1.

²⁸ Anónimo de Jâmblico (DK 89) apresenta as condições necessárias para o sucesso na realização dos objectivos de cada um. Essas condições são de duas espécies:

- a) uma que depende da sorte (**tyche**):
 - ter disposição natural;
- b) outra que depende do próprio homem:
 - desejar coisas belas e honestas;
 - ser trabalhador;
 - aprender muito cedo
 - dedicar-se por muito tempo.

Também Péricles defendia que o mérito é que faz a distinção, é que faz ascender às honras; Cf. Oração fúnebre pronunciada por Péricles e reproduzida por Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, Livro II, cap. 37, e que doravante será citada como “Oração fúnebre”, seguida do capítulo (e parágrafo, se necessário) correspondente.

mente na democracia, não eram oriundos das tradicionais famílias do poder?

Como se explica, então, as perseguições de que foram vítimas e a má fama que deles nos chegou desde a Antiguidade?

As condições que favoreceram o aparecimento da sofística já não se verificavam aquando da morte de Péricles. Depois da batalha de Salamina e do afluxo de dinheiro a Atenas²⁹, os generais Aristides e Címon foram os responsáveis pelo afluxo dos camponeses para a cidade. Realçando que havia alimentos e ocupações para todos, incentivaram-nos a servirem o Estado, quer no exército, quer na guarda das fronteiras, quer na condução dos negócios da comunidade. A retirada de poderes (por Efiltes) ao Areópago (o órgão judicial mais importante, constituído por aristocratas) proporcionou, no tempo de Péricles (ca.463 a.C.), alterações à constituição, tornando-a mais democrática³⁰.

As consequências de uma guerra tão longa (e refiro-me aqui à guerra contra os Persas), mesmo contando com os intervalos naturais entre as diversas campanhas, foram grandes. Uma das mais importantes terá sido a afirmação da supremacia dos Gregos e da cidade de Atenas em particular. Os Atenienses lutaram para preservar a sua liberdade e conseguiram que outras cidades da Grécia resistissem ao invasor Persa³¹. Esta atitude e a liberdade que consequentemente mantiveram, deu-lhes uma segurança e um saber aceitar gente de outros lados³² que os levou a confiar mais nas suas capacidades. Esta autoconfiança é talvez uma das razões do florescimento de debates sobre o valor da **physis** (φύσις) em relação ao **nomos** (νόμος).

No séc.V estes dois termos tendem a excluir-se. O **nomos** é identificado com as leis (humanas e, por vezes, divinas), com o artificial, o falso, enquanto que a **physis** identifica-se com a natureza, a realidade, o verdadeiro. Esta antinomia provocou discussões que se estenderam a domínios como o religioso e o político.

As teorias defensoras do **nomos** são essencialmente progressistas e racionalistas. O Homem é visto como o resultado de uma evolução e não de uma vontade divina, como as teorias religiosas afirmavam (cf. Hesíodo, *Teogonia*).

As teorias realistas, dos defensores da **physis**, identificavam a justiça com o que estava certo, mas a justiça não passava de uma identificação com a lei do mais forte (cf. Trasímaco em Platão, *República* 336b ss; *Leis*, 470d). O homem deve seguir a **physis** até onde o **nomos** o deixar. Afirmam que as leis

²⁹ Proveniente da Liga de Delos. Cf n. 20.

³⁰ Aristóteles, *Atheniensium Respublica*, XXIV-XXVII; "Oração fúnebre", 37.

³¹ Heródoto, *Histórias*, VII, 139.

³² "Oração fúnebre", 39.

não são suficientes para que se faça justiça, pois (segue-se uma paráfrase de Antífonte DK87A) justiça consiste apenas em não transgredir as leis de um estado. Então, para tornar a justiça basta fazer conforme o **nomos** quando estivermos a ser observados e conforme a **physis** quando ninguém nos vir.

A existência dos deuses também era questionada segundo esta dicotomia: (paráfrase de Platão, *Leis*, 889ss) era afirmado que os deuses não existiam na natureza, mas eram produto do artifício humano e variavam consoante as crenças e convenções dos lugares.

A problemática das leis escritas e das leis não escritas está associada a este assunto. A **physis** é que teria escrito estas leis nos corações dos homens (Demóstenes, *Oração da Coroa*, 275). Na tragédia *Antígona*, de Sófocles, as leis não escritas são de origem divina e levam Antígona a opor-se a Creonte por este ter ousado promulgar leis que as ignoravam (como a obrigação de sepultar os familiares mortos).

Após uma paz recém alcançada, a cidade necessitava de debater questões de natureza ética, publicamente, pois uma forma de definir *democracia* é que as coisas “dependem, não de uma minoria, mas de uma maioria”³³. Os seus membros necessitam de um ensino que resolva, já não os problemas técnicos que o ensino profissionalizante resolvia³⁴, mas os éticos daí decorrentes, como a necessidade de convencer, persuadir e bem falar. Atenas, como cidade, tinha que saber justificar as suas acções (é com argumentos como a lei do mais forte que esta cidade tenta convencer os Mélios a aceitarem a sua égide, e com esses mesmos argumentos procura racionalizar o ter destruído o povo, dizimando os homens e escravizando as mulheres e as crianças) e seria natural que os Atenienses, individualmente, ansiassem por esta nova educação, de nível superior, que os sofistas prometiam proporcionar-lhes.

Uma época de recuperação, como a que por passava Atenas após as guerras Pérsicas, é propícia à reflexão sobre os dividendos que daí se podem tirar, já que as baixas que se sofre são evidentes. Uma consequência positiva terá sido o aumento do conhecimento humano. A tragédia *Antígona* é um dos mais conhecidos testemunhos elogiosos das capacidades desenvolvidas pelo Homem. Entre os versos 332 e 375 situa-se a *Ode ao Homem*, assim conhecida por ser quase um catálogo das capacidades do ser humano: é o homem que não se cansa de se admirar e de se espantar com o seu próprio domínio, não

³³ “Oração fúnebre”, 37, 1.

³⁴ Considero “ensino profissionalizante” a aprendizagem que era possível fazer junto dos representantes das diversas profissões, quer ligadas ao artesanato ou construção, quer ligadas ao desenvolvimento de aptidões físicas (artes de competição).

só das técnicas de navegação e dos trabalhos dos campos³⁵, como dos outros seres da natureza³⁶. Existe organizado em sociedade e é dentro do grupo que desenvolve capacidades de protecção dos elementos da natureza bem como conhecimentos médicos³⁷. As preocupações do homem daquela época reflectem-se no final da ode, no qual aparecem temas como a neutralidade da ciência ou a dicotomia *nomos/physics*³⁸.

Estas evoluções, bem como a necessidade de reconstruir uma cidade a partir das cinzas (consequência de Salamina), colocaram o homem em posição de questionar a própria educação e a sua adequação aos novos tempos. Péricles, aproveitando a prática introduzida por Antístenes (e como reacção a Címon), instituiu os “empregos” pagos (Aristóteles, *Constituição Ateniense* XXVII, 2-3): a consequência mais directa seria uma maior democratização, pois os agricultores pobres podiam fixar-se na cidade e passar a poder ocupar cargos de poder. Mas a realidade era outra, pois não só a legislação vedava o acesso aos cargos mais importantes aos cidadãos de menores rendimentos, como a corrupção decorrente do pagamento por estar presente na assembleia ou de votar projectos foram escolhidos à sua intenção de tornar a política uma ocupação de todos. A sofística surge neste contexto instituindo “disciplinas novas”: propõe-se ensinar os homens a serem “homens políticos”, cidadãos preparados para ocuparem esses cargos na organização da cidade.³⁹ Além do mais, a arte de falar em público era fundamental para o tipo de vida do cidadão ateniense – quer fosse no tribunal, quer na praça pública, quer na política

³⁵ “Muitos prodígios há; porém nenhum maior do que o homem. Este, com o tempestuoso vento do Sul, avança para lá do mar cinzento e ultrapassa as grossas vagas que rugem à sua volta. E cansa a infatigável Terra imortal, a mais poderosa das divindades, revolvendo-a com a raça dos cavalos, de um lado para o outro com as charruas, ano após ano.” (Excepto o primeiro verso, citado da tradução de M.^a Helena da Rocha Pereira (introdução, versão do grego e notas de), *Sófocles. Antígona*, I.N.I.C., 1987 (2.^a ed.), as restantes citações desta obra têm tradução minha.

³⁶ “O homem muito hábil enlaça a tribo de aves de voo ligeiro, e leva, em redes bem tecidas, a raça de animais selvagens e marinhos; domina, com invenções engenhosas, os animais dos campos que andam no mato; e o cavalo de longas crinas é levado pelo jugo que lhe envolve o pescoço, tal como o indomável touro montanhês.”

³⁷ “Aprendeu a linguagem e o pensamento ágil, os costumes civilizados e, pleno de expedientes, aprendeu a fugir do gelo e dos ataques da chuva importuna nos lugares descobertos e que tornam difícil a permanência ao ar livre. Não avança no futuro sem recursos. Apenas ao Hades não poderá fugir; no entanto, meditou com outros o modo de escapar a doenças para as quais não havia recurso.”

³⁸ “O saber engenhoso da sua habilidade inesperada pende umas vezes para o mal, outras para o bem; ocupa um lugar cimeiro na cidade, confundindo as leis da terra e a justiça dos deuses, confirmada por um juramento;”

³⁹ Mediante um pagamento. Veja-se, por exemplo em Platão, *Protágoras*, 310d, *Eutidemo*, 271d.

ou nos negócios, o domínio da palavra era essencial e o ensino das técnicas para tal controle era uma das funções dos sofistas. Acontecia também que formavam outros para o exercício da profissão de que eles próprios eram representantes.

Como exemplo de uma receptividade positiva, veja-se a posição que gozavam junto de personalidades atenienses (como Péricles) e da juventude em geral que os seguia com entusiasmo (atente-se nos grupos que estavam sempre presentes nas palestras que Platão descreve⁴⁰ ou dos discípulos que iam com eles de cidade para cidade⁴¹; Protágoras foi até o autor da constituição da nova colônia grega de Túrios (fundada em 444 a.C.) – facto que revela a forte confiança que Péricles tinha nele. O tragediógrafo Eurípides terá sido seu discípulo: a influência dos sofistas é visível nas suas peças, não só pelos temas que aborda (numa atitude de dessacralização de assuntos considerados tabu, como o matrimónio ou a sexualidade feminina: cf. *Hipólito*, 490 e seguintes), como pelos aspectos formais (o uso da retórica e de argumentação tipicamente sofística: cf. a autodefesa de Helena n'*As Troianas*, (v. 895 e seguintes, especialmente de 914 em diante) ou o discurso da ama de Fedra na *Hipólito*, v. 433 e seguintes) ou pela apresentação de teorias conhecidas como dos sofistas, como a célebre frase de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”⁴² (cf. o lamento de Hécuba na tragédia homónima, 864 e seguintes), que se tornou um corolário da Sofística, na medida em que uma das marcas deste movimento é o humanismo. Jaeger afirma mesmo que “o humanismo dos sofistas – [foi] o primeiro que a História conheceu”⁴³.

Grote⁴⁴ foi o grande defensor dos sofistas na modernidade, considerando que foram incompreendidos, que a opinião pública é que moldou a moralidade destes homens e não o contrário. Proclamou-os como os verdadeiros educadores dos Gregos, tendo sido Platão quem se insurgiu contra esse ensino. Mas a defesa dos sofistas que Grote faz não se aplica a todos. Quando diz que preparavam os jovens para serem melhores políticos, poderia dizer a verdade, mas “esqueceu-se” de referir os erísticos, como os dois irmãos que Platão apresenta no diálogo *Eutidemo* e tantos outros que, provavelmente, desconhecemos.

⁴⁰ Cf. *Eutidemo*, *Protágoras*.

⁴¹ Cf. *Protágoras*, 315a

⁴² Platão, *Teeteto*, 152a

⁴³ JAEGER, Werner, *Paideia – Die Formung des Griechischen Menschen*, W. de Gruyter & Co, Berlin, 1936; tradução portuguesa de Artur M. Parreira: *Paideia – A Formação do Homem Grego*, Lisboa, Ed. Aster, sd., p. 327.

⁴⁴ GROTE, G., *History of Greece*, (10 vols), London, AMS Press, 1971 (reimpressão da ed. de 1888).

De qualquer modo não podemos ser redutores ao ponto de pensar que o facto de serem educadores profissionais e de se fazerem pagar seria a única razão da desaprovação da actividade sofística. Há que distinguir os argumentos contra os sofistas das motivações contra os sofistas. Se se pode acreditar que uns estavam sinceramente mal impressionados com aquele facto (como Platão repetidamente denuncia nas suas obras), ou de o seu ensino ser inconsistente (Aristóteles considerava que o saber deles era aparente⁴⁵) e eticamente discutível (como podemos ver, por exemplo, no retrato que Aristófanes nos dá n'As *Nuvens*, onde o jovem Fidípides aprende a justificar o facto de bater no pai), outros atacaram-nos por inveja e receio das reacções favoráveis e das consequências que poderiam advir de uma verdadeira alteração da estrutura socio-política de Atenas. As acusações de desrespeito pelos deuses e de corrupção da juventude eram as mais graves que se poderiam fazer a alguém, e as mais perigosas, porque as mais difíceis de refutar. O estado preocupava-se com a juventude⁴⁶ a quem dava a possibilidade de conviver com os melhores cidadãos, sendo essa considerada a melhor forma de aprendizagem e de formação⁴⁷. Os sofistas vêm alterar este quadro, quebrando a cadeia da influência dos mais velhos sobre os mais novos e destruindo potencialmente a distinção de classes, pois o convívio fazia-se, naturalmente, entre cidadãos do mesmo nível social, não abalando, assim, as estruturas sociais⁴⁸.

Aristóteles (*Retórica*, 1397b24) refere que era uma profissão perigosa. Não seria sem razão que Protágoras (no diálogo de Platão com o mesmo nome, 316d-e) referia que muitos sofistas não se identificavam como tal. Havia perseguições àqueles que eram acusados de não acreditar nos deuses, de ensinarem astronomia, e outras condenações, geralmente relacionadas com o crime de impiedade, sacrilégio (*ἀσεβεία* – *asebeia*). Protágoras, além de ter que fugir de Atenas, teve livros queimados e muitos outros sofistas foram banidos da cidade, condenados ao ostracismo, presos ou mesmo condenados à morte⁴⁹.

⁴⁵ *Ética a Nicómaco*, X, 9, 1180b33

⁴⁶ “Oração fúnebre”, 46 – “a cidade cria os filhos [dos heróis das batalhas] até à adolescência”.

⁴⁷ “Oração fúnebre” 39, 1; Platão, *Apologia de Sócrates*, 19e-20a.

⁴⁸ Cf. o diálogo que Ânito mantém com Sócrates no *Ménon* de Platão, no qual defende que é com os bons cidadãos que se aprende a virtude. Pede-lhe Sócrates: “fala-nos de professores célebres [...] indicando-lhe para casa de quais ele deve ir, nesta grande cidade, a fim de que se torne digno de reputação, relativamente à virtude” [92d], mas Ânito responde-lhe “que vá, ao calhar, ao encontro de qualquer Ateniense honrado. Não há nenhum que não o venha a tornar melhor do que o fazem os sofistas” [92e]. As citações deste texto seguem a tradução de Ernesto R. Gomes, *Platão. Ménon*, Colibri, 1992.

⁴⁹ Cf. Plutarco, *Nícias*, 23, 3-4 – “Protágoras fugiu, Anaxágoras foi preso e Sócrates morreu”; Afirma ainda, em 23,2 que de Anaxágoras era transmitida às escondidas.

Por outro lado, esta actividade não teve só aspectos negativos. Gozaram de prestígio junto de pessoas importantes e ganhavam muito dinheiro com as suas palestras.

Então o porquê da má fama que adquiriram? Górgias, por exemplo, foi bastante considerado, como até Platão o dá a entender, mas a procura da vitória nos debates (a prática da erística) e não da verdade, valeu-lhes a fama de ensinarem doutrinas imorais e anti-sociais⁵⁰.

Se dividirmos os sofistas por especialidades, podemos encontrar algumas diferenças: uns dedicavam-se preferencialmente à erística: cultivavam a capacidade de discutir, não sendo o assunto importante, mas a capacidade de discussão, persuasão, que transmitiam aos discípulos. Para isso socorria-se de falácias e argumentos enganosos que os faziam vencer a disputa e angariar aplausos dos presentes (dado importante para a criação da ambiência de espectáculo que imprimiam às suas demonstrações – cf. *Eutidemo*); outros, professores de retórica, procuravam ensinar uma única disciplina útil em vários momentos da vida, sendo o seu objectivo, tal como os anteriores, o sucesso: o seu e o dos seus alunos. Platão apresenta, em alguns diálogos, sofistas que sabiam (ou diziam saber) e ensinavam (ou diziam poder ensinar) tudo, como Hípias ou os dois irmãos Eutidemo e Dionisodoro⁵¹. Platão, Aristóteles e Isócrates contribuíram para a divulgação da identificação dos sofistas como aldrabões.

A coincidência espacio-temporal da actividade destes “ensinantes” permite hoje que se considere a sofística como movimento, não implicando porém que os sofistas fossem, necessariamente, um grupo organizado, com métodos semelhantes, visando o mesmo fim. Alguns dos que não se consideravam sofistas, como Sócrates e Isócrates (mais tarde), foram assim apelidados pelos seus contemporâneos. Aceitando ou não o apelido, foram identificados como homens de saber – *sophistes* –, que ensinaram gerações a pensar a cultura de modo diferente, abordando das mais variadas maneiras todas as formas de saber.

Na *Apologia de Sócrates*, de Platão, podemos ler, através do processo instaurado ao filósofo que deu o nome ao diálogo, quais as acusações de que eram alvo os sofistas:

– faziam-se pagar pelo seu ensino (33a-b: “não sou dos que conversam só quando lhes pagam”⁵²)

⁵⁰ Visão comum até ao séc. XIX, apresentadas e refutadas por pensadores como Grote ou Sidgwick.

⁵¹ Cf. todo o diálogo de Platão *Eutidemo*, e especialmente, 271c-272b. A principal acusação de Platão contra os sofistas era precisamente isto: o prometerem um saber que não podiam ter.

⁵² As citações deste texto seguem a tradução de J.T. Santos (tradução, introdução e notas),

– corrompiam a juventude (33d-34b)

– usavam argumentação erística, i.e., nos seus debates procuravam a vitória e não a verdade (19b-c: “fazer do argumento fraco o argumento forte”)

– eram ímpios, pois não respeitavam os deuses (19b-c: “excedendo-se a investigar as coisas que estão debaixo da terra e no céu”)

Sobre esta última acusação convém explicar duas questões que ela levanta:

1.^a – em que medida a meteorosofia implica impiedade? Na medida em que, conseguindo explicar os fenómenos celestes através do conhecimento de causas ditas “científicas”, as razões para prestar honras a deuses, que afinal não eram os causadores e controladores desses fenómenos, saíam enfraquecidas. Este racionalismo apresentava-se como preocupante para uma sociedade de formação teocrática, que usava as crenças das populações como forma de controlo político. Plutarco refere que, por volta de 432a.C., Diopêites introduziu um decreto que indicava que “quem não acredita nos deuses ou ensina teorias sobre os fenómenos celestes deve ser sujeito a acusação”⁵³.

2.^o – A segunda questão é a seguinte: se os sofistas tinham o homem como centro do seu interesse, não se dedicariam, certamente, a investigar os céus. De onde advém, então, esta acusação? Entra aqui a calúnia de que eram alvo. Se algumas das acusações se aplicavam justamente a certos indivíduos, gerou-se uma reacção negativa ao seu ensino (como já referi) que deu origem a críticas como esta. O êxito do processo movido contra Sócrates é uma prova da incapacidade que o cidadão comum, mais ou menos culto⁵⁴, mas não filósofo, tinha em distinguir as duas práticas.

Platão tem sido citado para justificar muitas das afirmações feitas sobre os sofistas. Torna-se, por isso, pertinente uma análise da sua posição, tanto em relação à sofística, como em relação à educação.

No diálogo *Sofista*, Platão procura descrever um sofista e, até chegar à definição final (em 268c-d) apresenta uma série de comparações que servem para estabelecer um paralelo entre os exemplos fornecidos e os sofistas:

Platão, *Éutifron, Apologia de Sócrates, Críton*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.

⁵³ Plutarco, *Péricles*, 32; *Nícias*, 23.

⁵⁴ Cf. o retrato de Sócrates que Aristófanes nos apresenta ao longo da comédia *As Nuvens*:

1) o primeiro exemplo – o do pescador à linha – serve de ponto de partida para o seguinte, o do caçador: a parte da caça que é apropriativa, coerciva, que mata animais é uma prática semelhante à dos homens que, a troco de dinheiro, dizem educar. É como uma caça aos jovens promissores. Isto é a Sofística. (223b)

2) o segundo exemplo é o do comerciante: o sofista é aquele que comercializa a virtude. A sofística é parte da arte aquisitiva, da troca, do tráfico, do comércio de almas que lida com palavras e conhecimento e comercializa em virtude. (224 c-d)

3) o terceiro exemplo é o do retalhista: o sofista vende e troca produtos do conhecimento, quer de outros, quer seus (224d-e. Em 231c-e é feita uma recapitulação que divide esta alínea em duas: os retalhistas e os que comercializam o que produzem, mas essa divisão não me parece clara em 224e).

4) o quarto exemplo é o do lutador: o sofista pratica a arte das disputas argumentativas, controversas, combativas e que dão lucro (226a).

5) o quinto exemplo inicia-se com a tecelagem para explicar como esta arte discrimina as diferentes fases do processo e, como a discriminação é um forma de separação do pior do melhor, é também uma espécie de uma purificação (226d). Assim o sofista purifica as almas de modo a que as opiniões não a impeçam de aprender(231e).

6) o último exemplo é o do malabarista e imitador: o sofista é um “imitador de realidades”, pois pode não saber verdadeiramente o conhecimento que afirma possuir e estar preparado para discutir (235a-b).

E a conclusão final é a de que o Sofista se encontra entre os que imitam mas não sabem (267e), “mas sendo um imitador do sábio (*sophou*), é evidente que tomará um nome semelhante àquele e finalmente percebi que é preciso verdadeiramente chamá-lo, aquele mesmo, o real e completamente sofista (*sophisten*)” (268c).

Nos Livros VI e VII de *A República*, Platão apresenta o seu programa educativo, explicando que os filósofos são os educadores por excelência, visto usarem a razão para compreenderem a realidade. Na sua conversa com Gláucon, a personagem Sócrates, para melhor explicar o que quer dizer, socorre-se de imagens. É assim que surge o símile do Sol⁵⁵, o símile da Linha⁵⁶ e a Alegoria da Caverna⁵⁷.

⁵⁵ Tal como o Sol permite que os nossos olhos vejam e sem ele só há escuridão e sombras, assim nós, só através da inteligência, que é como um sol da mente, da alma, conseguimos compreender a verdadeira realidade: as ideias.

⁵⁶ Propõe-se que se imagine uma linha dividida em duas partes desiguais; cada parte, por sua

O filósofo é aquele que se distancia do mundo das sombras que os nossos sentidos permitem apreender e gradualmente, através do pensamento, se vai aproximando do mundo do inteligível, das ideias, no qual a alma contempla a realidade iluminada pela razão. E tem como função levar os outros a libertarem-se também.

Após apresentar estes exemplos, Sócrates expõe o seu *curriculum* disciplinar, explicitando mais claramente quais as matérias que se devem aprender na sequência do ensino tradicional (a música, a ginástica, a base das letras e dos números): a Aritmética, que tem uma função formativa⁵⁸; a Geometria, que tem uma função dianoética⁵⁹; a Estereometria, uma ciência mal explorada, que estudaria a dimensão da profundidade (a passagem do micro-cosmo ao macro-cosmo)⁶⁰; a Astronomia, que proporciona a compreensão visível do inteligível, as divisões de tempo e espaço. Através da alma compreende-se o que está para lá do corpóreo, que não passa de um paradigma; finalmente a

vez subdividida em outras duas. De um modo ascendente, temos em baixo a opinião, que se subdivide em imaginário e crença. A opinião está para a mutabilidade como a inteligência (o segmento superior) está para a essência. O segmento de cima subdivide-se em saber e entendimento. Tal como o anterior, este símile mostra que a inteligência é que nos permite o entendimento.

⁵⁷ Os homens são como prisioneiros numa caverna, agrilhoados de forma a estarem virados para uma parede na qual vêem passar sombras. Essas sombras resultam de pessoas, objectos, animais, que passam à frente de uma fogueira situada à porta da caverna, subindo uma espécie de ladeira. Para esses prisioneiros, que só conheciam as sombras e o eco dos sons, essa era a sua realidade. Ora se um dia algum desses homens fosse forçado a desviar os olhos da parede, isso ser-lhe-ia doloroso, pois a luz da fogueira não o deixaria ver convenientemente, de tal modo estava habituado às sombras. No início até seria natural que acreditasse que o passava a ver era menos real do que o que via antes. Mas se fosse empurrado para fora da caverna e subisse a rampa, ele seria obrigado a ver a realidade que existe sob a luz do Sol. Como esta luz é muito forte, olharia primeiro para as imagens reflectidas nas águas ou para as sombras e só depois para os verdadeiros objectos. Essa pessoa teria então o dever de ir libertar os outros, sujeitando-se, porém, a não ser compreendida por eles e até a ser vítima de injustiças.

⁵⁸ “obriga a alma a servir-se da inteligência em si para chegar à verdade pura” (526b). Através do exercício da aritmética a forma que se pode apreender é a do uno (522c). Todas as citações desta obra são da tradução de M.^a H. da Rocha Pereira, *Platão. A República*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990⁶.

⁵⁹ i.e., de entendimento, pois permite um progressivo abandono da visualização das formas do sensível até à passagem para o inteligível. Para o géometra as hipóteses são verdades e através delas chega à conclusão, mas não ao princípio (e assim difere do dialéctico, como se verá).

⁶⁰ Mas, queixa-se Sócrates, como “nenhum Estado presta honra a estes estudos, a investigação é débil” (528b) e “estudada de uma forma ridícula”. No *Timeu* (53c e seguintes) esclarece-se como a estrutura geométrica dos quatro elementos regula o processo do devir.

Dialéctica (532a-b⁶¹). O dialéctico serve-se de hipóteses na sua investigação, mas considera-as como etapas na procura do inteligível (e não verdades, como o géometra) e à busca do princípio dedica a sua vida de investigador. As disciplinas enunciadas anteriormente ajudam os olhos da alma a encontrar o verdadeiro caminho que leva ao “autêntico princípio”(533c-d).

Conclusão

A crítica de Platão aos sofistas baseia-se no facto de estes não respeitarem o saber e considerarem a aparência como critério único de verdade, o que reduz toda a pedagogia sofística a mera persuasão, que o estudante é obrigado a seguir passivamente, memorizando. Contra esta estratégia, Platão e a Filosofia advogam a submissão da *matéria* factual, extraída da aparência, à *forma* do saber (imutável, perfeito, irrefutável).

Numa recapitulação final e na sequência do que tem vindo a ser afirmado, seguem-se algumas generalizações que não se pretende abusivas, mas sim à guiza de conclusões gerais:

a) Os sofistas eram originários, na sua maioria, de fora de Atenas, não tendo um local específico onde ensinar. Eram pagos pela sua actividade de professores.

b) Considerando-se “intermediários entre filósofos e políticos” (Pródico, Frg.6 de Diels), deram um importante contributo para o desenvolvimento cultural de Atenas a partir de meados do século V a.C. O seu ensino veio preencher o espaço que mediava entre o ensino básico que as crianças tinham tradicionalmente e a ocupação de cargos, já como cidadãos de pleno direito.

c) Intitularam-se professores e foram de facto os primeiros docentes de um ensino superior. Tendo a preocupação de ensinarem praticamente tudo, a sua fama caiu facilmente no descrédito porque superficial, como o demonstra a actividade erística.

d) Defendem o homem como “a medida de todas as coisas” e o relativismo (“as coisas são para mim o que me parecem a mim, e para ti o que te parecem a ti” Platão, *Teeleto*, 152a). Este antropocentrismo coloca o homem em valoração, sendo para isso necessário novos planos de estudo.

e) Esses planos inovaram o tradicional convívio entre cidadãos como forma de aprendizagem. Compreendia disciplinas como a dialéctica, a gramá-

⁶¹ Tal como a capacidade de ver permite chegar aos limites do visível, “quando alguém tenta, por meio da dialéctica, alcançar a essência de cada coisa, e não desiste antes de ter apreendido só pela inteligência a essência do bem, chega aos limites do inteligível”.

tica (num sentido mais próximo do actual), a crítica literária (como tomada de posição em relação a textos que anteriormente eram aprendidos apenas de cor), a eloquência e a estética (numa valorização da prosa ática). A par destas disciplinas também se pronunciaram em matéria de leis e religião (Crítias, Antífonte) ou de conhecimentos matemáticos (Hípias).

A influência da educação sofística permaneceu e se hoje existe um ensino universitário ele é, em última análise, herdeiro da universalidade, do cosmopolitismo e do enciclopedismo sofístico.

Por último, podemos conjecturar que Platão e Aristóteles, apesar das profundas críticas que dirigiram aos sofistas, muito deles retiraram. É de crer que o empenhamento cultural e social da sua actividade de investigadores e mestres não pode ser alheio ao sentido político da prática sofística. Embora tudo o mais os afaste, bastará esta noção (que impõe a ideia de educação como parte de contrato social) para fazer ver o que têm em comum.